

José Marques de **MELO**

Universidade Metodista de São Paulo – São Bernardo do Campo, SP, Brasil

As relações de gênero na literatura historiográfica do campo acadêmico: espaço conquistado pelas matriarcas da Comunicação

Las relaciones de género en la literatura historiográfica del campo académico: el espacio conquistado por las matriarcas de la Comunicación

Gender relations in historiographic literature of the academic field: the territory conquered by the Communication matriarchs

Recebido em: 20 jul. 2012

Aceito em: 30 jul. 2012

José Marques de Melo é Professor Emérito da Universidade de São Paulo e Diretor-Titular da Cátedra UNESCO/UMESP de Comunicação.
Contato: marquesmelo@uol.com.br

RESUMO

A questão de gênero assume expressividade na bibliografia historiográfica do campo da comunicação, motivando o autor a apresentar a perspectiva brasileira contemporânea.

Palavras-chave: Ciências da Comunicação; Historiografia; mulher; América Latina; Brasil.

RESUMEN

La cuestión de género prospera en la bibliografía historiográfica del campo comunicacional, motivando el autor a presentar la perspectiva brasileña contemporánea.

Palabras clave: Ciencias de la Comunicación; Historiografía; mujer; América Latina; Brasil.

ABSTRACT

In order to present the Brazilian perspective on the gender question, the author was motivated to review the contemporary sources on communication historiography.

Keywords: Communication scholarship; Historiography; women; Latin America; Brazil.

Antecedentes¹

É inegável que o interesse pelo estudo do campo da comunicação sob o prisma historiográfico se legitimou em 1983, quando a revista *Journal of Communication* (v. 33, n. 2) realiza um colóquio internacional sobre os desafios da nossa disciplina. Coube a Wilbur Schramm a abertura do debate intitulado “The Ferment in the Field”. Ele o faz com a competência discursiva que lhe foi peculiar, esboçando um panorama retrospectivo, logo a seguir comentando e problematizado por dois dos seus discípulos prediletos, Everett Rogers e Steven Chaffee.

O mesmo colóquio voltou a ser feito, dez anos depois, por iniciativa de Mark Levy e Michael Gurevich, que reúnem o conjunto dos textos produzidos por acadêmicos de todo o mundo, publicando o livro *Defining Media Studies* (New York, Oxford, 1994).

¹ Aula Magna do ano letivo de 2012, proferida em Bauru (SP), a convite da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação (FAAC) da Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho (UNESP), por iniciativa do Programa de Pós-Graduação em Comunicação.

Mas só depois que Everett Rogers lançou *A History of Communication Study – a biographical approach* (1994) a bibliografia historiográfica do campo acadêmico da comunicação vem crescendo em todas as partes, com o aparecimento de novos e surpreendentes estudos.

Por sua vez, a publicação do texto inacabado de Wilbur Schramm – *The Beginnings of Communication Study in America – a personal memoir* (1997) provocou reações na comunidade universitária ianque (GLANDER, 2000). Uns endossaram, outros refutaram as teses dos seus editores, Steven Chaffee e Everett Rogers. A eles, a filha Mary Schramm Coberly confiou a revisão dos originais de uma obra que fora preservada na memória do computador pessoal do pai, mas só liberada para circulação uma década após a morte do autor. Aqueles discípulos do mestre de Stanford procederam com lisura e rigor, mas foram além do esperado, completando o volume com dois capítulos exegéticos, naturalmente polêmicos.

O inventário das incursões recentes sobre essa problemática está esboçado no ensaio intitulado “Memória do campo acadêmico da comunicação: estado da arte do conhecimento empírico de natureza historiográfica”, que escrevi para o livro dedicado ao tema do Congresso 2011 da INTERCOM (BARBOSA & MORAES, 2011: 19-75).

Hegemonia masculina

A safra dos estudos sobre as raízes e o desenvolvimento das Ciências da Comunicação no século XX vem gerando frutos apetitosos, de acordo com as predileções dos respectivos autores. Uma das variáveis bem exploradas é o protagonismo da mulher nesse universo historiográfico que Gertrude Robinson (1998) não hesitou em proclamar como território monopolizado pelo gênero masculino. Em sua argumentação, os contributos femininos ou feministas vem sendo minimizados, ignorados ou escamoteados. É o que também sugere A. Valdivia (2011).

Na verdade, a *scholar* canadense explicita com vigor sua discordância em relação à linha interpretativa defendida pelo trio Schramm/Rogers/Chaffee. Defendendo uma ancoragem distinta, ela privilegia a Escola de Chicago, que, no seu entendimento, precedeu o Grupo de Stanford e respectivos satélites, dentro do território americano (Robinson, 1988).

Foi justamente a partir dessas hipóteses que Aimee-Marie Dorsten esboçou um libelo contra a pretendida “dominação masculina” no desenvolvimento dos estudos de

comunicação, contrapondo aos notáveis Harold Lasswell, Dallas Smythe e Paul Lazarsfeld um trio feminino que pesquisou e publicou dentro do mesmo círculo intelectual. Reivindicando “justiça” histórica, ela resgatou as contribuições de Hortense Powdermaker, Mae Huetting e Helen MagGill, esquecidas “matriarcas”, ocupantes, no campo da comunicação, de papéis equivalentes ao dos festejados “patriarcas” (DORSTEN, 2012).

Nesse sentido é que os jovens dedicados à pesquisa histórica podem corresponder ao desafio lançado pela autora do instigante artigo da revista *Communication Theory* (fevereiro de 2012), publicada sob a égide da International Communication Association – ICA. Para ser fiel à “magia do rejuvenescimento” que me atribui Antonio Hohlfeldt (2010: 10), suscitando “perspectivas de estudos absolutamente inusitadas”, atrevo-me a propor um roteiro de pesquisas biográficas, visando ampliar o quadro analítico das ciências da comunicação e projetar um seleto grupo de “matriarcas” que figuram no panorama internacional da nossa área de estudos.

Ascensão feminina

Dentre essas lideranças femininas, a de maior densidade intelectual é sem dúvida a alemã Elizabeth Noelle Neuman, autora da teoria mundialmente conhecida como “espiral do silêncio”. Apesar disso, ela tem sido pouco valorizada pela vanguarda situada à esquerda na academia germânica (LOBLICH & SCHEU, 2011).

Aliás, a teoria da “espiral do silêncio” é a única que tem assinatura feminina num universo cognitivo monopolizado pelo gênero masculino, como pode ser aferido através de consulta aos manuais de teoria da comunicação vigentes na Inglaterra (MCQUAIL, 2000), Itália (WOLF, 1987), Espanha (MORAGAS, 1981), França (MATTELART & MATTELART, 1997), Portugal (SOUSA, 2006), Argentina (ENTEL, 1996), Chile (OTERO, 1998) ou Brasil (HOHLFELDT et al, 2001).

São da mesma estatura acadêmica a polonesa Irena Tetelowska e a francesa Anne Marie Thibault-Laulan, ambas militando, em diferentes conjunturas, no âmbito da UNESCO e da IAMCR – International Association for Media and Communication Studies.

Tetelowska foi discípula de Jacques Kayser, fundando em Cracóvia um centro de pesquisas e uma revista científica voltados para o estudo da imprensa. Falecida precocemente, num desastre de aviação, em 1969, foi sucedida como diretora do centro

polonês e como presidente do Comitê de Pesquisa Bibliográfica da IAMCR pelo Prof. Valery Pisarek. Este lhe fez justiça, preservando a memória de sua trajetória acadêmica por meio da edição especial em inglês da revista também por ela criada – *Zeszyty Prasoznawcze* (Cracovia, 1971). Primeira mulher a galgar posição de realce nos quadros dirigentes da referida associação mundial, ela sem dúvida inspirou a luta tenaz que foi ali travada por Gertrude Robinson e suas companheiras de geração.

Thibault-Laulan foi discípula de Robert Escarpit, o fundador do campo acadêmico da comunicação na França, acompanhando-o a Bordeaux, em cuja universidade instalou um arrojado núcleo de pesquisa da comunicação vocacionado para a cooperação franco-africana. Coube a Anne-Marie dirigir a Seção de Filmologia daquela instituição, estimulando-a a organizar a antologia *Imagem e Comunicação*, aqui publicada pela Editora Melhoramentos (1976). Atuando no *front* da UNESCO, ela teve papel relevante na cooperação da França com a América Latina.

Esse quadro fica completo com o acréscimo da filipina Gloria Feliciano, responsável pela implantação de um centro internacional de estudos de comunicação que a UNESCO concebeu para fomentar a pesquisa da área nos países asiáticos. Graduada na Universidade das Filipinas (1950), Gloria conquistou o Doutorado em Comunicação de Massa na Universidade de Wisconsin (1962), retornando ao seu país para ocupar funções-chave na estrutura universitária e no aparato governamental, desde 1965. Sua atuação voltou-se para o treinamento e a produção de conhecimento sobre comunicação rural na região asiática, tendo publicado obra significativa, desde o lançamento da coletânea *Philippine Mass Media in Perspective* (1967) (DZIKI, MACZUGA & PISAREK, 1990: 44).

No território americano, destacam-se três matriarcas ao norte – Gertrude Robinson (Canadá), Brenda Dervin (USA) e Fátima Fernandez (México) – e um sexteto ao sul – as pioneiras Matilde Perez Palacios (Peru) e Adisia Sá (Brasil) –, as inovadoras Marta Colomina de Rivera (Venezuela) e Patrícia Anzola (Colombia) – além da chilena Lucia Castellon e da brasileira Margarida Kunsch, estas últimas pertencentes à geração “fin de siècle”.

Alemã, desde jovem radicada na América do Norte, G. Robinson estudou com Robert Park em Chicago, mas fez carreira acadêmica na McGill University, em Montreal, desempenhando papel decisivo para a conquista do espaço feminino no âmbito da IAMCR.

Ela transgrediu os cânones politicamente corretos da academia norte-americana, dedicando-se ao estudo das políticas de comunicação vigentes no bloco dos países comunistas, particularmente a experiência de co-gestão da mídia iugoslava nos tempos de Tito (ROBINSON, 1977).

Além das contribuições substantivas ao nosso campo, Brenda Dervin e Fátima Fernandez ocuparam funções de liderança destinadas a fortalecer respectivamente a ICA e a AMIC.

Brenda pertence à geração formada em East Lansing, Michigan, por discípulos de Wilbur Schramm, como Berlo, Kumata e Rogers, conquistando posição de liderança na International Communication Association – ICA, cuja presidência exerceu no biênio 1985-1986. Participou ativamente também da IAMCR, integrando e liderando o seu conselho internacional, e atuou como editora de periódicos que fizeram a cabeça da geração dos anos 80-90, como *Human Communication Research* e *Communication Yearbook*. Permanece em atividade na Universidade de Ohio, dedicando-se ao binômio “informação e desenvolvimento” (DZIKI, MACZUGA & PISAREK, 1990: 34).

Por sua vez, a mexicana Fátima Fernandez cumpriu missão importante, ao fundar a AMIC – Asociación Mexicana de Investigadores de la Comunicación, superando o estigma de “comunidad desapercibida” denotada por Fuentes Navarro (1991: 77). Em sua revisão histórica sobre “pesquisa e pesquisadores de comunicação no México”, o referido autor diz Fernández representa a geração pós-68, comprometida com a promoção de mudanças políticas e culturais, para tanto estribando-se no legado das ciências sociais. Trata-se de uma “decisão bem consciente”, conforme explica em nota introdutória ao seu emblemático livro sobre *Los medios de difusión masiva en México* (FERNÁNDEZ, 1982: 9). Coube-lhe o encargo de integrar o México aos organismos internacionais da área comunicológica, principalmente à ALAIC e à IAMCR.

O sexteto sulista é formado por 3 pares homogêneos. As veteranas Matilde Perez e Adisia Sá “fizeram escola”, nos anos 60, como fundadoras de carreiras emblemáticas do segmento do jornalismo. Matilde dirigiu a Faculdade de Jornalismo da Pontifícia Universidade Católica do Peru, onde montou um arrojado centro de pesquisa que fez inúmeros trabalhos para atender às demandas do episcopado latino-americano. Por isso mesmo, exerceu a liderança natural da emergente comunidade católica que se dedicou ao estudo da comunicação em nosso continente, animada pelas diretrizes constantes do Decreto Inter Mirifica, sancionado pelo Concílio Vaticano II. Promoveu em Lima o

primeiro seminário de escolas católicas de Jornalismo. Mesmo sendo a única mulher integrante de um grêmio predominantemente masculino, foi eleita para exercer a presidência da recém-fundada Federação Católica Latino-americana de Escolas de Jornalismo (PERIODISTAS CATÓLICOS, 1968).

Adisia Sá foi a primeira mulher a militar profissionalmente no jornalismo cearense, tomando a frente do movimento para criar o Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Ceará. Sua combatividade sensibilizou as autoridades universitárias que acolheram seu projeto pedagógico, no qual estava incluída uma revista científica e a produção de livros textos para suprir a deficiência da bibliografia nacional de comunicação. Culminando uma brilhante trajetória acadêmica, paralelamente a um importante itinerário sindical, recebeu em 2006 o Prêmio Luiz Beltrão de Maturidade Acadêmica (LIMA & KNEIPP, 2010).

Tanto à venezuelana Marta Colomina quanto à colombiana Patricia Anzola coube arrojado vanguardismo investigativo na América Latina. Colomina transgrediu os cânones metodológicos dominantes na pesquisa de comunicação, aplicando referencial althusseriano para explicar a função das telenovelas na sociedade latino-americana em seu livro de estreia *El Huésped Alienante* (1968). Mereceu comentário legitimador de Antonio Pasquali: “uma pesquisa fundamental”, pois até então a comunidade acadêmica não dispunha de qualquer conhecimento sobre o comportamento das audiências de rádio e televisão. Além de emular a pesquisa entre os seus colegas de universidade, Colomina liderou em Maracaibo um “tipo de pesquisa com maior sentido regional”. A essa peculiaridade, agrega-se uma outra, ou seja, a do “gênero dos pesquisadores”, pois a maior parte dos entrevistadores que colheram informações no campo era formada por estudantes do “sexo feminino” (AGUIRRE, 1996: 68). Aposentada da função universitária, reincorporou-se ao trabalho midiático, ancorando programas no rádio e na televisão de Caracas, cuja linha editorial foi considerada negativa pelo Presidente Hugo Chávez, enfrentando resistência implacável por parte das instâncias governamentais. Apesar de perseguida pelo poder venezuelano, Marta Colomina não transigiu e não se intimidou, encontrando-se atualmente em situação de quarentena comunicacional.

Anzola desencadeou uma ofensiva para resgatar a memória da pesquisa em comunicação num bloco formado pela Argentina, Brasil, Chile, Colômbia e Peru, além de haver nutrido a nascente comunidade latino-americana de ciências da comunicação, aglutinada em torno da ALAIC. Não é sem razão que Luis Ramiro Beltrán (2008: 65) lhe presta justíssima homenagem na edição da revista da ALAIC, dedicada aos 30 anos

da entidade, anotando: “Patrícia Anzola será lembrada como dirigente exemplar dos comunicadores latino-americanos e como uma das grandes damas da profissão em âmbito mundial”.

Sua continuadora mais próxima foi a brasileira Margarida Kunsch, que teve papel relevante na reconstituição da própria ALAIC e na sua transformação institucional, deixando de ser uma “amigocracia” (como certa vez a definiu Robert White) para se tornar uma autêntica “comunidade” intelectual. Mesmo apartada da diretoria da ALAIC, a professora Kunsch permanece editando a *Revista Latino-Americana de Ciências da Comunicação*. Ela própria transpõe tal dimensão, declarando: “A ALAIC, após sua reconstrução, tem se estabelecido como uma entidade científica representativa dos pesquisadores de comunicação na América Latina” (KUNSCH, 2008: 21).

Completa esse conjunto a chilena Lucia Castellon que revitalizou o ensino de comunicação em seu país, contribuindo para aglutinar os pesquisadores e profissionais da área, antes separados pelos traumas legados pela era Pinochet, estimulando sucessivamente como decana de comunicação nas universidades Diego Portales e Mayor de Chile sua inserção na comunidade internacional da área. Decorrente dessa postura cooperativa foram os congressos de ciências da comunicação ali realizados na passagem do século (latino-americano, ibero-americano e pan-americano).

Perspectiva brasileira

A propósito da singularidade latino-americana na questão de gênero, escrevi o ensaio “Artilharia feminina” (2002), fazendo o seguinte diagnóstico:

Para quem acompanha com argúcia a comunidade internacional das Ciências da Comunicação não fica surpreso ao saber que as posições conquistadas pelas mulheres-pesquisadoras, na estrutura do poder acadêmico, são frutos da luta incessante que as lideranças femininas desenvolveram durante anos (MARQUES DE MELO, 2008: 234).

Tive oportunidade de privilegiar o tema numa edição dos Colóquios Internacionais da Escola Latino-Americana de Comunicação – CELACOM 2002. Ali enfatizei a similaridade do nosso panorama com o europeu ou norte-americano, no início do século, quando era ostensiva a prevalência masculina. Mas essa realidade foi mudando naturalmente, sem necessidade de alimentar conflitos entre gêneros, na

medida em que as mulheres passaram a ocupar espaço em todas as latitudes do campo comunicacional.

As relações de gênero na comunidade latino-americana das ciências da comunicação não parecem muito tensas como aquelas observadas na arena internacional. (...) Tanto assim que mulheres-pesquisadoras como Patrícia Anzola e Margarida Kunsch ocuparam a presidência da ALAIC em momentos cruciais da história da entidade, contribuindo para superar impasses que garantiram a própria continuidade institucional. (...) Elas ganharam legitimidade sem ter que protagonizar cenas explícitas de lutas pelo poder. Foram escolhidas pelos próprios méritos... (MARQUES DE MELO, 2003: 30-31).

Voltei a me defrontar com essa temática quando motivei meus alunos de pós-graduação a produzir histórias de vida de pesquisadores brasileiros da comunicação.

Planejada inicialmente como antologia biobibliográfica dos pesquisadores de comunicação reconhecidos pela academia brasileira, ela terminou restrita a 7 mulheres. A amostra inicial incluía homens e mulheres em igualdade de participação. Mas no processo de realização dos perfis, os textos que demonstraram consistência metodológica e relevância histórica focalizavam exclusivamente as mulheres (MARQUES DE MELO, 2010: 26-27).

Diante dessa contingência, e contando com a colaboração do doutorando Francisco de Assis organizei a antologia denominada *Valquírias Midiáticas*, onde introduzi o conceito de “matriarcas da comunicação”, evidentemente numa perspectiva brasileira. Vale a pena reproduzir o meu argumento, correlacionando as “valquírias” (termo criado por Ana Arruda Callado, 1996) com as “matriarcas” (expressão revitalizada por Dorsten, 2012), no campo da comunicação.

As sete mulheres cujas histórias de vida dão forma e conteúdo a este livro representam tendências vitais para a construção do campo acadêmico no Brasil. (...) ... Todas elas ocupam espaços consideráveis nos meios de comunicação, sendo entrevistadas ou noticiadas pelos jornais, revistas, emissoras de rádio e televisão, portais da internet, etc. Nesse sentido, são autênticas valquírias midiáticas, atuando como fontes de informação, ou figurando como emissoras de mensagens de interesse coletivo. Algumas são **musas** intelectuais, despertando paixões que forjam discípulos; ou **modelos** acadêmicos, inspirando as novas gerações a produzir conhecimento relevante. Outras figuram como **mestras**, desempenhando papéis fundamentais no ensino e na práxis, quando não atuam como **madrinhas**, acolhendo e protegendo seus pupilos para avançar acadêmica ou profissionalmente. Não olvidemos as possíveis **matriarcas**, vocacionadas para liderar correntes de opinião nos meios de comunicação ou desempenhar

papéis de mediadoras, formando clãs intelectuais (MARQUES DE MELO, 2010: 39-40).

Trata-se de um perfil multifacético, constituído por cinco tipos: musas, modelos, mestras, madrinhas e matriarcas. Quando foi feito o lançamento do livro no auditório da Cinemateca Brasileira, em 2010, logramos reunir as 7 valquírias: Adisia Sá, Anamaria Fadul, Cremilda Medina, Lucia Santella, Maria Immacolata Lopes, Sonia Virginia Moreira e Zelia Leal Adghirni. A única que assumiu claramente a postura de matriarca foi Adisia Sá, não apenas por uma razão etária – pois ela assumiu com tranquilidade a condição de octogenária, – mas pelo estilo cênico. Ao lhe ser concedido o microfone pelo mestre de cerimônias para fazer uma saudação aos participantes, e mesmo sendo a de menor estatura física, ela se agigantou, por meio do uso da palavra, para seduzir a plateia e monopolizar a atenção coletiva. Sua capacidade de comunicação oral foi aplaudida pelas demais homenageadas, que não deixaram de revelar, na sequência, suas próprias aptidões discursivas.

Desafio

Deixando à margem esta nota impressionista, não hesito em formular a hipótese de que todas elas preenchem as duas características que proponho como requisitos para o reconhecimento de uma pesquisadora da comunicação na categoria de matriarca do campo.

Neutralizei conscientemente a variável idade – sempre difícil de discernir no gênero feminino – para considerar duas circunstâncias comportamentais: liderança de opinião e formação de clãs intelectuais.

Não tenho dúvida, como observador participante da história em processo do nosso campo do conhecimento, de que todas preenchem o primeiro quesito.

Contudo, essa evidência precisaria ser demonstrada empiricamente. Da mesma forma, torna-se necessário verificar se todas, ou quais delas, formaram clãs que se encarregam de dar continuidade aos seus projetos cognitivos e concretizar os sonhos irrealizados.

Esta é a lição de casa que lanço como desafio aos jovens historiadores do campo comunicacional brasileiro interessados em estudar as relações de gênero. Trata-se de uma proposta ambiciosa que pretende partir dessa tipologia para mapear as matriarcas

em ação no vasto território nacional. Afinal de contas, o século XXI sinaliza a hegemonia da mulher no campo da comunicação. Por isso, não fujo à tentação de reproduzir, sobretudo visando os que insistem em considerar irrelevante a questão de gênero na historiografia comunicacional, o alerta que fiz em 2002, em outro lugar e outra situação:

A ascensão da mulher no mercado de trabalho comunicacional apresenta-se como uma tendência cristalina do mundo contemporâneo. Cresce o contingente feminino que atua nas empresas jornalísticas, agências de publicidade, escritórios de relações públicas, indústrias audiovisuais. As mulheres representam hoje maioria esmagadora do corpo discente nas faculdades de comunicação social. Há indícios de que elas já ocupam posição predominante também no corpo docente dessas instituições acadêmicas (MARQUES DE MELO, 2003: 49).

Assim sendo, torna-se importante, para manter o clima de cordialidade vigente na academia, avançando na produção de conhecimento, conhecer e compreender a natureza do espaço ocupado pelas matriarcas, na mesma proporção e intensidade que analisamos até agora o desempenho dos nossos patriarcas.

Referências

AGUIRRE, José Maria. **De la Práctica Periodística a la Investigación Comunicacional**. Caracas: UCAB, 1996.

ARRUDA CALLADO, Ana. **Jenny, amazona, Valquíria e vitória-régia**. Rio de Janeiro: DL Brasil, 1996.

BARBOSA, Marialva (org.); MORAES, Osvando (org.). **Quem tem medo da pesquisa empírica?**. São Paulo: INTERCOM, 2011.

BELTRÁN, Luis Ramiro. Homenaje a Patricia Anzola. **Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación**, v.5, n.8/9, p.63-68, 2008.

CHAFFEE, Stevn; ROGERS, Everett. **The beginnings of Communication studies in America**. London: Sage, 1997.

COLOMINA, Marta. **El huésped alienante**. Maracaibo: Universidad de Zulia, 1968.

DORSTEN, Anne-Marie. Thinking Dirty: Digging up the three founding “Matriarchs” of communication studies. **Communication Theory**, v.22, n.1, p. 25-47, 2012.

DZIKI, Sylwester; MACZUGA, Janina; PISAREK, Walery. **Who`s Who in Mass Communication**. München: K. G. Saur, 1990.

- ENTEL, Alicia. **Teorías de la comunicación**. Buenos Aires: Hernandarias, 1996.
- FERNANDEZ, Fatima. **Los médios de difusión masiva em México**. México: Juan Pablos, 1982.
- FUENTES, Raul. **La comunidad desapercibida**. Guadalajara: ITESO, 1991.
- GLANDER, Timothy. **Origins of Mass Communication Research during the American Cold War**. London: LEA, 2000.
- HOHLFELDT, Antonio. Prefácio. In: MARQUES DE MELO, José; ASSIS, Francisco. **Valquírias midiáticas**. São Paulo: A&C, 2010, p. 11-14.
- _____. **Teorias da Comunicação**. Petrópolis: Vozes, 2001.
- KUNSCH, Margarida. ALAIC: Configuração como entidade científica e seus resultados. **Revista Latino-americana de Ciências da Comunicação**, v.5, n.8/9, p.21-22, 2008
- LEVY, Mark; GUREVICH, Michael. **Defining Media Studies**. New York: Oxford, 1994.
- LIMA, Maria Érica; KNEIPP, Valquiria. Adisia Sá: perfil intelectual. In: GOBBI, Maria Cristina. **Teoria da Comunicação 2: Antologia de Pensadores Brasileiros**, São Paulo: INTERCOM, 2010, p. 119-138
- LOBLICH, Maria; SCHEU, Andrean. Writing the History of Communication Studies, **Communication Theory**, v. 21, n.1, p.1-21, 2011
- MCQUAIL, Denis. **Teoria da Comunicação de Massa**. Lisboa: Gulbenkian, 2000.
- MARQUES DE MELO, José. Artilharia feminina. In: _____. **A batalha da comunicação**. Sorocaba: Eduniso, 2008, p. 234-237.
- _____. Intercom, masculino/feminina. In: _____ (org.), GOBBI, Maria Cristina (org.); BARBOSA, Sérgio (org.). **Comunicação Latino-americana: o protagonismo feminino**. São Bernardo do Campo: Metodista, 2003, p. 49-54.
- _____. Valquírias midiáticas. In: _____ (org); ASSIS, Francisco (org.). **Valquírias midiáticas**. São Paulo: A&C, 2010, p. 19-41.
- MATTELART, Armand; MATTELART, Michele. **História das Teorias da Comunicação**. São Paulo, Loyola, 2000.
- MORAGAS, Miquel. **Teorías de la Comunicación**. Barcelona: Gustavo Gili, 1981.
- PERIODISTAS CATÓLICOS. Positivos resultados del primer seminário de directores de escuelas de periodismo. Montevideo: UCLAP, 1968, p. 18-21.

PISAREK, Walery (ed.). **Zeszyty Prasoznawcze – Special Edition in English**, Cracow: The Press Research Center, 1971.

OTERO, Edison. **Teorias de la Comunicación**. Santiago: Universidad de Chile, 1998.

ROGERS, Everett; CHAFFEE, Steven. Communication as an academic discipline. **Journal of Communication**, v.33, n.3, p.18-30, 1983.

_____; _____. **The beginnings of Communication study in America**. London, Sage, 1997.

ROGERS, Everett. **A History of Communication Study**. New York: The Free Press, 1994.

SCHRAMM, Wilbur. **A personal memoire**. London: Sage, 1997.

_____. The unique perspective of Communication: a retrospective view, **Journal of Communication**, v. 33, n.3, p.6-17, 1983.

SOUSA, Jorge Pedro. **Elementos de Teoria e Pesquisa da Comunicação e dos Media**. Porto: UFP, 2006.

THIBAUT-LAULAN, Anne Marie. **Imagem e Comunicação**. São Paulo, Melhoramentos, 1976.

VALDIVIA, Angharad N. Building a Feminist Trajectory. **Communication, Culture & Critique**, v.4, n.4, p.355-360, 2011.

WOLF, Mauro. **Teorias da Comunicação**. Lisboa: Presença, 1987.